

O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA SOB A PERSPECTIVA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

COSTA, Mariana Felipe da¹

RESUMO

O presente estudo versa sobre o ensino da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, com ênfase no letramento. O principal objetivo é compreender à luz dos teóricos as contribuições do ensino-aprendizagem da leitura e escrita para a formação de sujeitos letrados, bem como as estratégias a serem utilizadas pelo docente em sala de aula. A escolha do tema é pautada na necessidade de repensar a prática pedagógica, com o intuito de promover ao aluno uma aprendizagem significativa, que lhe dê condições de atuar com autonomia nas diversas situações linguístico-comunicativas. Deste modo, procura-se através do referido trabalho apontar novas propostas sobre o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, ao colocar o aluno como sujeito de sua própria história, ressignificando o ensino em uma perspectiva social. O aporte teórico é constituído por nomes como: Bakhtin (2011), Naspolini (2009), Kleiman (2007). A metodologia da pesquisa é de natureza bibliográfica, com uma abordagem qualitativa sobre a temática discutida. O estudo apresenta relevantes reflexões sobre as práticas de leitura e escrita enquanto atividades sociais, ou seja, que inserem o indivíduo na vida social. Por conseguinte, evidencia estratégias e recursos metodológicos que ao serem inseridos em sala de aula, tornam o ensino mais eficiente e significativo para a criança.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Letramento, Ensino-aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Ao dialogar sobre a iniciação da criança no ensino fundamental, entende-se que há uma necessidade de refletir sobre o ensino da língua materna, bem como sobre as metodologias para que tornem o ensino produtivo e significativo para a criança, visando desde cedo a sua preparação para a vida social. Nessa direção, o presente trabalho traz uma abordagem referente às práticas de ensino da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental sob a perspectiva do letramento, aliadas a prática docente.

A problemática apresentada no decorrer do trabalho gira em torno da seguinte pauta: De quais formas o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita tem contribuído para a formação de sujeitos autônomos e participativos na sociedade?, e quais as estratégias de ensino podem ser adotadas pelo docente para promover não somente a alfabetização, mas de forma ampla, o letramento da criança?

¹ Graduada do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, mariana.uepb@gmail.com

Seguindo essa linha de pensamento, destacamos os seguintes objetivos que norteiam o referido estudo: Compreender sob à luz dos teóricos as contribuições do ensino-aprendizagem da leitura e escrita para a formação de sujeitos letrados; Refletir sobre a importância do ato de ler e escrever; Discutir sobre o papel da escola quanto ao ensino da leitura e da escrita; Analisar os conceitos de alfabetização e letramento e as implicações no ensino; Reconhecer as estratégias de ensino da leitura e escrita sob a perspectiva do letramento.

A escolha do tema elencado no trabalho é fundamentada em razões pedagógicas. Há o interesse em compreender a natureza do processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, tendo em vista à promoção do letramento da criança, bem como as possíveis estratégias metodológicas que favorecem a formação de sujeitos letrados, isto é, capazes de atuarem em diversos contextos reais de comunicação.

A metodologia da pesquisa desenvolvida é bibliográfica, cuja abordagem é qualitativa. Através de livros, textos vinculados na internet, trabalhos científicos, revistas, etc, foi possível concretizar a fundamentação teórica que serviu para dar embasamento as ideias apresentadas no presente trabalho.

O aporte teórico do estudo em evidência consta das contribuições de importantes autores do âmbito da língua materna, bem como acerca ensino da leitura e da escrita na escola, além de reflexões sobre alfabetização e letramento da criança. Destacam-se: Bakhtin (2011), Naspolini (2009), Kleiman (2007), dentre outros. Os referenciais teóricos citados são de suma importância para a pesquisa realizada.

A revisão bibliográfica tem início com o primeiro capítulo intitulado: “Leitura e escrita na escola: o que ensinar e como ensinar” pontua questões relevantes sobre o ensino-aprendizagem da leitura e escrita dentro dos espaços escolares. O segundo capítulo é: “Alfabetização e Letramento: conceitos, práticas e implicações no ensino” apresenta uma análise sobre os processos de alfabetização e letramento, bem como a relação entre ambos e o ensino. O terceiro capítulo é: “Práticas de leitura e escrita na perspectiva do letramento: estratégias de ensino” e os subtítulos: “A ludicidade” e “O livro didático e a diversidade de textos: instrumentos para a aprendizagem da leitura e escrita”. Sendo que este último capítulo trata do ensino de leitura e escrita voltado ao letramento e aponta as estratégias e recursos didáticos para o ensino.

Em resumo, é possível concluir que a presente pesquisa oferece importantes reflexões sobre as práticas de ensino da leitura e escrita sob o ponto de vista social, ou seja, atividades que inserem os sujeitos na vida em sociedade, dando-lhes plenas condições para atuarem

autonomamente nas suas diversas esferas de comunicação. Ler e escrever são práticas necessárias para que o homem assuma o seu papel de construtor do conhecimento e por isso, a prática docente precisa ser cada vez mais repensada para que efetivamente cumpra com as suas incumbências.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja abordagem é qualitativa, pois dá uma ampla significação às questões investigadas nas esferas sociais sem a necessidade de quantificá-las. Sobre a pesquisa bibliográfica, aponta Martins (2001, p.32): “procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em revistas, livros, periódicos e outros. Procura também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema”.

Para dar embasamento a realização da pesquisa escolheu-se como fontes de estudo as importantes obras: Bakhtin (2011), Naspolini (2009), Kleiman (2007), Freire (1996), Soares (1998), bem como a Base Nacional Comum Curricular (2017), dentre outras. Os autores citados possuem maior aderência com a temática proposta e suas obras são de grande relevância no campo da educação, por isso justifica-se a escolha das referidas fontes de estudo. A escolha dos textos pertinentes ao tema elencado ocorreu através dos seguintes tópicos: Práticas de Leitura e escrita, Ensino, Alfabetização, Letramento.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA/ESTADO DA ARTE

3.1 Leitura e escrita na escola: o que ensinar e como ensinar?

Por muito tempo acreditou-se que a escola deveria utilizar uma prática pedagógica fundamentada na aplicação de exercícios repetitivos e sistematizados, a fim de promover a alfabetização dos alunos. Porém, a partir de muitas reflexões sobre essa prática, verificou-se que esta não garante de forma efetiva a aprendizagem da leitura e da escrita, bem como não proporciona à criança condições favoráveis para desenvolver suas habilidades comunicativas. De acordo com Naspolini (2009), para que as atividades de leitura e escrita na escola contribuam com a promoção do conhecimento e aprendizagem da criança, estas precisam ser significativas, produtivas e desafiadoras.

Diz-se que uma atividade é significativa quando propõe um desafio que o aluno tem condições de enfrentar e resolver em interação com os demais colegas e com o professor. Além disso, é significativa quando gera conhecimento útil para a vida do aluno, quando lhe oferece condições de, tendo consciência do conhecimento apropriado, vir a utilizá-lo nas diferentes situações de sua vida [...] Uma atividade é produtiva quando, situada no quadro do desenvolvimento natural do aluno, revela o conhecimento que ele já construiu e está construindo, fazendo com que esse conhecimento passe de um plano menos desenvolvido para outro, mais desenvolvido [...] A atividade é desafiadora quando apresenta algumas dificuldades. Nesse caso, a resistência oferecida leva o aluno a se modificar a fim de “acomodar” o novo conhecimento. (NASPOLINI, 2009, p. 9)

É de suma importância refletir sobre o papel do docente no processo de ensino-aprendizagem e o que a ele compete fazer, tendo em vista as atividades trabalhadas em sala de aula. O plano de ensino, os objetivos, a metodologia, enfim, todo o conjunto de ações devem propiciar situações instigantes e desafiadoras de aprendizagem.

A leitura e a escrita possibilitam ao aluno uma construção ativa do próprio conhecimento e de novas experiências, portanto, tornam-se práticas essenciais para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Para Bakhtin (1979, p. 79): “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...). É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação (...)”.

Em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a escola tem a função de viabilizar o contato entre o aluno e a infinitude de textos, para que ele possa interpretá-los e também produzi-los. Entende-se que o texto é o ponto de partida para as aulas de leitura e escrita, pois este é de fato, a manifestação viva da língua, tanto na sua forma oral, quanto escrita. A respeito, Neves (1991, p. 50) afirma: “Considerando que a unidade básica na análise da língua em funcionamento é o texto, cabe considerar a natureza dessa unidade, natureza que determinará a postura de análise e as bases de operacionalização”. Ao ler, interpretar, recriar, o professor estimula a reflexão e a aprendizagem significativa do aluno, tornando as aulas ricas e proveitosas.

Os gêneros textuais são essenciais no processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita. São marcas linguísticas e culturais, pois refletem as diferentes situações de comunicação presentes na sociedade, logo, possuem função social e se aproximam da capacidade de letramento do indivíduo. “É uma forma de identificar a diversidade de textos materializados – escritos, orais e não verbais – com características sociocomunicativas, presentes na cultura de uma comunidade. São formas histórica e socialmente situadas.” (NASPOLINI, 2009, p. 32).

Sendo assim, é fundamental que os diversos gêneros textuais orais e escritos ganhem cada vez mais espaço na sala de aula. Em suma, a aprendizagem torna-se efetiva quando é

contextualizada com a realidade do aprendente, pois a partir daí, este consegue unir os seus conhecimentos prévios ao novo conhecimento que lhe é apresentado, resultando em uma produção de sentidos.

O professor deve ter um olhar atencioso para que ler e escrever não sejam realizadas como práticas isoladas, apenas com o foco na decodificação, pois metodologias desta natureza geram no aluno o desprazer em aprender. Se o professor seleciona textos para que o aluno leia de forma superficial, a fim de que este identifique aspectos básicos e informações “quase prontas” presentes na materialidade do texto, reduzirá a leitura a uma atividade mecanizada, em que o aluno se sentirá desmotivado, bem como as suas habilidades de compreensão dos sentidos do texto serão restringidas.

O conhecimento voltado para a leitura e com a finalidade de preparar os alunos para atuarem com autonomia no meio social através da linguagem é o maior desafio e a real função da escola na atualidade. Não basta ensinar a ler e a escrever, mas primordialmente a agir conscientemente de acordo com as diferentes situações da vida cotidiana, visto que sem esta forma de aprendizagem, o indivíduo não terá condições de ser participativo na sociedade. Pode-se assim afirmar que a leitura e a escrita têm função social e são ferramentas de letramento.

A leitura de textos infantis adaptados à faixa etária da criança, bem como o diálogo com adultos letrados, mais precisamente a figura do professor em sala de aula, propicia a aquisição de novas habilidades, como a decodificação da palavra escrita. Um conhecimento leva também a outro. A oralidade está interligada à escrita. Ao acompanhar as leituras, a criança é estimulada a desenvolver a fala e a decifrar o código linguístico, além de produzir em seu pensamento diversos significados em relação aos novos conhecimentos. Através da leitura é possível a aprendizagem significativa da criança. De acordo com Terzi (1995, p. 43):

A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre as histórias em si, sobre tópicos de histórias, estrutura textual e sobre escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita [...]

A leitura é uma prática essencial no Ensino fundamental, principalmente, pois é a etapa do ensino em que se inicia a formação dos pequenos leitores. Portanto, merece um olhar atento. É obrigação da escola contribuir com a formulação de diretrizes que beneficiem a prática da leitura e a tornem prioridade no processo de ensino-aprendizagem. À medida em que o professor utiliza diversos tipos de textos e que retratem aspectos do cotidiano, este dinamiza e faz da leitura uma atividade prazerosa para o aluno. É preciso que haja o gosto pela descoberta

da palavra, pela leitura e escrita, de tal forma que a criança busque estas atividades não apenas dentro dos espaços escolares, mas também fora deles, como em casa, na convivência com seus familiares e amigos, e etc.

A aprendizagem do aluno, bem como a sua formação enquanto leitor, é diretamente influenciada pela forma com que o professor conduz suas aulas, através das metodologias as quais se utiliza no processo de alfabetização. Logo, o papel do professor é de total responsabilidade e requer uma ampla reflexão. O aprender a ler/escrever não deve ser resumido a memorização/reprodução de letras e símbolos linguísticos, tendo em vista que isto não possui uma efetiva significação para a criança que vivencia os primeiros contatos com o mundo da leitura.

O requisito básico é que o professor seja um leitor assíduo, para assim despertar o interesse do aluno pela leitura. Ler para o aluno e ler com o aluno. Não há um ensino eficiente se houver imposição, ou se a leitura for uma atividade que visa avaliar aspectos gramaticais, pois isso resultará em uma desmotivação pela leitura por parte do aluno. Outra questão importante é contemplar a diversidade linguística, sempre respeitando e fazendo com que os discentes compreendam as muitas possibilidades de uso da língua e suas adequações. O professor deve trabalhar a oralidade de forma adequada e respeitosa.

3.2 Alfabetização e Letramento: conceitos, práticas e implicações no ensino

A utilização dos termos alfabetização e letramento, permanece sendo pauta de discussões e reflexões no meio acadêmico e escolar. Costumeiramente muitos educadores confundem ou privilegiam um termo em detrimento do outro, porém, esquecem que mesmo possuindo conceitos diferentes, alfabetização e letramento são processos simultâneos e, sobretudo, indissociáveis. Em suma, o conceito de alfabetização compreende o de letramento e vice-versa. A respeito, Naspolini (2009, p. 29) pontua:

Um acontecimento que ocorre antes, durante e depois da alfabetização é o letramento, entendido como a construção do conhecimento de mundo. Por isso transcende a aquisição mecânica do código. Esse processo considera a língua como meio de inserção social, legitima as múltiplas linguagens, com suas formas, estilo e conteúdo.

A alfabetização é o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. O letramento é o desenvolvimento do uso eficiente da leitura e da escrita nas práticas sociais. A principal diferença está na habilidade que o indivíduo possui sobre o ato de ler e escrever. O indivíduo

alfabetizado é capaz de codificar e decodificar uma língua, de aprender a ler e escrever. Enquanto o indivíduo letrado é capaz de exercer tais atividades de forma mais competente, ou seja, em diversos contextos sociais e com diferentes propósitos.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (TFOUNI, 1988, p. 9, e 1995, p. 9-10).

A vida em sociedade exige que os sujeitos além de alfabetizados, sejam letrados. Isto é, capazes de se comunicarem e compreenderem as demandas linguísticas. O domínio da leitura e escrita possibilita uma nova condição aos sujeitos: o acesso aos bens materiais e culturais, nas diversas esferas da sociedade. Por isso, a escola é a principal agente do letramento, e o professor, o condutor deste processo. O ideal é que se ensine a criança a ler e a escrever de modo que esta não apenas decodifique a palavra, mas entenda o seu significado. O domínio da leitura e da escrita tem grande relevância social gerando prestígio e, até mesmo exclusão daqueles que não o detém, pois o sujeito que não possui as habilidades básicas para se adaptar à vida na era moderna é considerado analfabeto funcional. Em referência, Soares afirma que:

[...] socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu *modo de viver*, na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (1998, p. 37)

De acordo com Kleiman (2007), a leitura e a escrita na escola, são entendidas como um conjunto de competências a serem alcançadas pelo aluno, porém, no tocante ao letramento, enfatiza que estas são práticas discursivas, com “múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem” (KLEIMAN, 2007, p. 4). É preciso que o ensino esteja voltado para a linguagem como forma de interação, considerando o aluno como interlocutor e o meio ao qual ele pertence.

Embora a leitura e a escrita estejam em toda a parte, a alfabetização tem início de forma concreta com a chegada da criança à escola e se dá em um processo contínuo de aprendizagem, no qual a criança vai se familiarizando com a palavra escrita, por meio de revistas, livros, placas,

jornais, dentre outras fontes. É através do contato com os diversos tipos de textos, que a criança estabelece relações, formula hipóteses e atribui significados.

O desafio da alfabetização é alfabetizar letrando, ou seja, ensinar o aluno a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de uso da leitura e escrita, tendo em vista que a língua é um produto do meio social, estruturada do ponto de vista social e cultural. Portanto, a alfabetização é um processo complexo e tanto mais o trabalho do alfabetizador. Alfabetizar letrando significa direcionar a aprendizagem da leitura e escrita de modo que o aluno conheça e se aproprie de materiais que fazem parte de contextos reais de comunicação, pois ao ser inserido nas práticas sociais linguísticas, além de ser alfabetizado, o aluno passa ao grau de letrado, isto é, atuante na vida em sociedade.

3.3 Práticas de leitura e escrita na perspectiva do letramento: estratégias de ensino

O processo de ensino-aprendizagem exige a participação ativa do aluno e é diretamente influenciado pelas estratégias que o docente utiliza em sala de aula para envolver e beneficiar a aprendizagem dos seus educandos. Logo, os recursos didáticos são essenciais para o trabalho docente, e por isso, devem ser selecionados com o máximo de cuidado, para facilitarem a transmissão dos conteúdos, de modo claro e objetivo. Com o passar do tempo houveram muitas inovações no tocante aos recursos didáticos, bem como inúmeras possibilidades de dinamizar as aulas, sendo assim, o professor deve trazer estes recursos para o cotidiano escolar. Não significa dizer que o professor precisa abandonar suas metodologias, nem tampouco seus materiais de trabalho, mas fazer um contraponto entre o tradicional e o novo, com o objetivo de promover uma educação de qualidade.

Não se pode imaginar uma sala de aula sem a presença de recursos didáticos que possam subsidiar o fazer docente, pois esta se distanciaria da realidade da criança. Portanto, é de grande importância utilizar ferramentas que dialogam com o cotidiano da criança, que despertam a sua atenção e curiosidade, tornando o ambiente escolar um espaço agradável, capaz de contribuir positivamente com a aprendizagem.

3.3.1 A ludicidade

A ludicidade é uma ferramenta essencial no processo de aquisição da leitura e da escrita, pois auxilia a criança no desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, bem como

proporciona uma aprendizagem significativa, à medida que motiva e diverte. De acordo com os estudos de Jean Piaget (1987: in Brasil, 2012 p. 69): “a atividade lúdica é um princípio fundamental para o desenvolvimento das atividades intelectuais da criança sendo, por isso, indispensável à prática educativa”. O brincar na sala de aula envolve aspectos psíquicos, cognitivos, afetivos, dentre outros, e acontece por meio de um planejamento para que seja algo significativo para o aluno.

A criança, nesse período, estende seus interesses além do mundo infantil e dos objetos, amplia o leque de suas relações sociais, estabelece interações mais diversificadas com os adultos, compreende, paulatinamente, as atitudes e as várias formas de atividades humanas: trabalho, lazer, produção cultural e científica. O jogo e a brincadeira, nessa etapa, são formas de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A criança, por intermédio das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes esferas humanas, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes. (LIMA, 2008, p. 112)

Ao valer-se da ludicidade como instrumento pedagógico, o professor torna as aulas momentos de interação, de alegria e de desenvolvimento da criatividade, da coordenação motora e do cognitivo da criança. Contudo, é importante que os objetivos e o percurso sejam previamente definidos para que ocorra de fato a apropriação da leitura e escrita por parte dos discentes, de maneira que haja uma proposta contextualizada às práticas letradas, favorecendo a compreensão da escrita como representação gráfica da linguagem, bem como os seus diversos contextos de utilização na sociedade.

O lúdico é considerado uma atividade social, pois através dos jogos e brincadeiras, a criança adquire meios para construir a sua identidade e iniciar sua participação no mundo letrado. Ao brincar a criança assume um papel de sujeito ativo, pois passa a desenvolver suas habilidades e a adquirir novos conhecimentos de modo geral.

Em suma, é possível compreender que as atividades lúdicas são capazes de conectar à criança ao mundo letrado, fazendo com que esta expresse suas emoções, sentimentos e atitudes. As brincadeiras e os jogos fazem parte da vivência infantil e, no contexto escolar especificadamente, promovem o desenvolvimento de suas habilidades e inserem a criança no processo de aquisição da leitura e escrita de forma prazerosa e significativa.

3.3.2 O livro didático e a diversidade de textos: instrumentos para a aprendizagem da leitura e escrita

Com o objetivo de promover o letramento da criança, isto é, a capacidade de ler e escrever em diversas esferas sociais e com diversos propósitos comunicativos, o docente deve estar atento quanto aos instrumentos que utiliza para alcançar tal objetivo. O livro didático é importante, contudo, não é a única possibilidade a ser trabalhada em sala de aula. Há uma gama de textos que circulam na sociedade e que devem ser inseridos no contexto escolar, pois fazem parte da realidade e se assemelham ao cotidiano da criança, fato que estimula a aprendizagem de forma mais eficiente.

O livro didático é um material de forte influência na prática do ensino brasileiro. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e as eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos propostos. Além disso, é importante que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado (pois a variedade de fontes é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento). A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta. (BARBOSA, 2002, p. 11-26).

De acordo com a BNCC, os textos diversificados a serem trabalhados nas séries iniciais do ensino fundamental devem ser mais simples, ou seja, adequados à faixa etária da criança, e que respeitem as suas etapas de aprendizagem, contudo, estes se tornarão mais complexos à medida em que o aluno avançar nas séries. Outro ponto importante na escolha dos textos é a relação que eles têm com o cotidiano da criança e o que representam para ela, pois a exemplo das cantigas de roda, parlendas, regras de jogo, dentre outros, são mais familiares e se aproximam da realidade da criança.

Evidentemente, os processos de alfabetização e ortografização terão impacto nos textos em gêneros abordados nos anos iniciais. Em que pese a leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas, ainda assim, os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica, nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, tais como listas (de chamada, de ingredientes, de compras), bilhetes, convites, fotolegenda, manchetes e lides, listas de regras da turma etc., pois favorecem um foco maior na grafia, complexificando-se conforme se avança nos anos iniciais. Nesse sentido, ganha destaque o campo da vida cotidiana, em que circulam gêneros mais familiares aos alunos, como as cantigas de roda, as receitas, as regras de jogo etc. (BRASIL, 2017, p.29)

Para que os objetivos do ensino sejam alcançados no tocante a aprendizagem da leitura e escrita pela criança, é de suma relevância que esta também participe do processo que segue desde a escolha dos textos, até a avaliação propriamente dita. Para tanto, exige o comprometimento e a criatividade do professor, pois é de sua competência motivar o aluno a envolver-se com a diversidade de textos e assim adquirir o hábito de ler e escrever com prazer. O processo de alfabetização abre caminhos para que a criança seja construtora de sua aprendizagem, e atue como cidadã letrada e autônoma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores da atualidade, mediante os avanços da sociedade e as diversas demandas linguístico-comunicativas. A aquisição da leitura e da escrita constitui uma parte de suma relevância na vida do ser humano, já que este é um ser social, e desta forma, necessita do efetivo domínio de tais práticas para estabelecer com autonomia suas relações comunicativas. Portanto, as instituições escolares recebem a importante tarefa de preparar cidadãos para atuarem de forma autônoma no mundo da tecnologia e das inovações na área da comunicação.

O ensino da leitura perpassa a ideia que antes existia de que ler era uma atividade mecanizada de decifrar o código linguístico. Atualmente é considerado leitor aquele indivíduo capaz de atrelar a leitura à uma prática social, de maneira significativa. A escrita já não é vista como uma atividade monótona, mas uma importante forma de expressão por meio da palavra. Porém, a prática pedagógica deve ser repensada e constantemente atualizada, de modo que os paradigmas tradicionais de ensino sejam abertos para dar espaço a uma nova forma de ensinar. A leitura e a escrita possuem função social e o ensino deve abarcar de forma ampla esta concepção.

As metodologias e os recursos didáticos utilizados pelo educador em sala de aula exercem forte influência na aprendizagem do aluno, por isso devem ser selecionados com bastante cuidado para que de fato, contribuam positivamente no processo de ensino-aprendizagem. Relacionar os conteúdos com a realidade do aluno faz com que este se torne protagonista de sua aprendizagem, por isso deve existir uma maior aproximação entre escola, leitura e vida. Tomando como base a alfabetização e o letramento, dois processos indissociáveis, o ensino da leitura e da escrita acontece dentro do contexto social do discente. Desse modo, ler e escrever são práticas ressignificadas, que visam preparar o aprendente para a vida em sociedade de forma autônoma.

O trabalho em sala de aula com os gêneros textuais é de suma importância, visto que estes são verdadeiras manifestações linguísticas e são efetivados em contextos reais de comunicação. Os jogos e as brincadeiras também fazem parte do rol dos recursos didáticos que visam promover o letramento. Portanto, não se pode falar de ensino, sem falar das estratégias que favorecem e enriquecem este referido processo.

Por meio de contribuições positivas ao abrir caminhos para novos estudos, os argumentos apresentados no discorrer do presente trabalho, somam-se a necessidade de

reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, bem como as intervenções metodológicas para que seja este processo reconhecido enquanto prática social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_publicação.pdf>. Acesso em 10 maio. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a educação**. São Paulo: Cortez, 1982.

KLEIMAN, Â. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul. v. 32 n. 53, p.1-25, dez, 2007.

LIMA, J. M. de **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Universidade Estadual Paulista, 2008.

MARANHÃO, Diva Nereida Marques Machado. **Ensinar Brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

MARTINS, G. A. & PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Tijolo por tijolo: prática de ensino de língua portuguesa**. Volume único, livro do professor. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas: Pontes, 1995.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.